



CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS
(Recolhidos da tradição oral)

XIX
Conto do parvo

Havia um homem que tinha dois filhos e uma filha. Um dos filhos era parvo, e o outro estava nos estudos. Morava na quinta do rei, e devia-lhe muitas rendas. Um dia foi pedir ao rei que lhe perdoasse o que lhe devia, e o rei disse-lhe que nem só lh'o perdoava, mas que também lhe dava a quinta, mas que era preciso por espaço de dois mezes contar-lhe um conto de mentiras. O homem, vendo-se afflicto escreveu ao filho que estava nos estudos para lhe vir armar o conto. O filho respondeu-lhe que de verdades o podia augmentar, mas que de mentiras, que não. Foram-se passando os dois mezes e não fazia senão chorar porque o rei lhe tinha dito que era sob pena de morte. No dia em que findavam os dois mezes o filho parvo pediu o fato para ir contar o conto ao rei. Pediu

às sentinellas que o deixassem entrar, sentou-se e depois veio o rei e disse-lhe: Senhor rei, aqui lhe venho contar o conto das mentiras: Indo eu pela minha quinta, encontrei um rebanho d'abelhas, ah! sô rei! as abelhas pude eu contar, mas os cortiços não; botei-me a correr atraz dellas, apanhei uma parti-a ao meio, expremi aquella ametade muito bem expremida deitou-me tres alqueires e meio de mel; agora comecei a pensar aonde havia de ir buscar o couro para metter o mel, botei as unhas á cabeça, tirei um piolho, expremio muito bem exprimidinho, tinha tres varas e meia de comprimento; agora começo eu a pensar com que diabo hei de atar o couro, botei as unhas ás pestanas dos olhos, tirei duas estendi-as muito bem estendidinhas, tinham quatro varas e meia de comprimento; aonde irei buscar uma burrinha; fui-me ao mar touxe uma burrinha branca, pedi a quatro que me ajudassem a carregar, pois quando chegou a casa vinha ja ferida com o pêzo; mandei á do surgião, disse-me que toriasse umas favas e que as moesse até fica-

rem em pó, e que as puzesse no lombo da burra, e que a deixasse ficar tres dias á marezia; no fim dos tres dias vou buscar a burra e vi um grande faval, oh, sô rei! comi favas, dei favas, vendi favas, e ainda o sôr rei veio a comer favas... —Diz-lhe o rei: Ora, fora, mentiroso! —Então já a quinta é de meu pae! —Não é de teu pae, é tua, tu é que contaste o conto, e podes pedir o que quizeres que nada te negarei. —Eu, senhor rei, não quero senão uma coisa: todo o marido que tiver medo da mulher hade-me dar seis mil reis. —Então como se ha de saber isso — Sabe-se bem; adeus, senhor rei, passe muito bem. Ah, senhor rei, esquecia-me de lhe dizer que tenho uma irmã muito bonita, —se vossa real magestade a quizesse para palacio... —Chama-te que está ali a rainha. —Venham para cá seis mil reis que já teve medo da mulher.

Johel.

MIXTOS

(Canções recolhidas da tradição popular).

A Antonio Luiz da Silva Dantas

(Conclusão)

==*==

Queres saber minha vida
Desde que te conheci?
Pnsando em ti não te vendo,
Ao ver-te—pensando em ti.

Quantos livros tenho lido
Nenhum me tem ensinado
A soffrer como tu soffres
A amar como tens amado.

Tanto cheguei a querer-te
E tão má paga me deste,
Que já nem sei muitas vezes
Se ganhaste, se perdeste.

Não te tenho compreendido
Ainda que queira entender-te,
Busco o sol e encontro nuvens,
Assim como conhecer-te?

Já me roubaste minha alma
A quem dás agora a tua?
Deves saber que o ladrão
Preciso é que restitua.

Esperar, não vindo nunca,
Recostar-se, e não dormir,
Querer, e que lhe não queiram
Qual será maior sentir?

Que rasões tens, meu amor,
Quando min'alma te jura,
Duvidar's ser tua graça
Das maiores a formosura?

Não há para as dôr's da ausencia
Um allivio nem praser,
Porque tem longe o remedio
E junto a si o padecer.

Mal haja o teu fato negro,
Mal haja quem o cortou,
Que te traz a ti de luto
E eu ainda vivo estou.

Eu com mais fé supportava
A vida, se tal podésse,
Chorando, tendo razão,
E morrer quando quizesse.

Quando passas ao meu lado

Sem me dar's um teu olhar
 Não te recordas de nada?
 Já esqueces-te o meu pensar?

Talvez com meu sentimento
 Vivos e mortos se queixem,
 Além—por os que se vão,
 Aqui—por os que se deixam.

Peço-te, quando morrer
 Ao meu sepulchro vás pôr
 Uma letra a cada canto:
 A. M. O. R.—amor.

Chapeu alto, chapeu alto
 Chapeu alto leva o vento,
 Sempre é bem tolo e bem asno
 Quem commigo perde o tempo.

O' meu amor, meu amor,
 Meu amor, meu ai Jesus!
 O dia que te não vejo
 Nem o sol me quer dar luz.

Ah! mal haja o querer bem
 Que tão má paga me deu,
 Eu estava em minha casa
 Seuhora do que era meu.

Pomba branca, pomba branca,
 O' pomba branca sem fel,
 Tu que vens lá de tão longe
 Não vistes o meu Manuel?

O sol quando nasce inclina
 Os seus raios para o chão,
 Tambem eu me inclinei
 Aos teus olhos, João.

O sol quando nasce inclina
 A's pedras do meu anel,
 Tambem eu me inclinei
 Aos teus olhos, Manuel.

Se passares pelo adro
 No dia do meu enterro

Diz à terra que não coma
 As tranças ao meu cabello.

O' minha mãe dos trabalhos
 Para quem trabalho eu?
 —Trabalho para a mãe do céo
 Que a da terra já morreu.

Fostes ao Senhor da Serra
 Nem um anel me trouxestes,
 Nem os moiros da moirama
 Fazem o que tu fizestes.

O meu amor não é aquelle,
 O meu chama-se João,
 E' coradinho das faces,
 Alegre do coração.

Bate, bate, ó silva verde
 Na tua saia de chita,
 Nanorei o meu amor
 A' sahida da botica.

Eu venho da marcelada,
 Venho d'apanhar marcella,
 Lá nos campos de Coimbra
 D'aquella mais amarella.

Eduardo de Lemos.

OS TRES AMIGOS

(CONTO TOSCANO)

Tres amigos chegaram certa noite a uma miseravel estalagem, situada no meio do campo.

Ceiaram frugalmente, e antes de se deitarem disseram ao hospedeiro que almoçariam cedo no dia seguinte, para partir em seguida.

O dono da hospedaria respondenlhes, muito triste, que não os podia satisfazer, porque não tinha mais do que uma aza de frango, um pãozinho e um copo de vinho.

Não ficaram satisfeitos os ami-

gos com tal resposta; mas chegando ao accordo de que um d'elles, pelo menos, havia de comer alguma coisa na manhã seguinte, decidiram que aquelle que durante a noite tivesse o melhor ou o peor sonho, adquiriria direito de sentar-se á meza.

Um dos amigos despertou ao amanhecer, e como sentia um appetite devorador, desceu á cosinha e comeu tudo que encontrou.

Os outros dois levantaram-se mais tarde e contaram os seus sonhos.

O primeiro tinha sonhado que subia ao paraíso e disfructava ali todos os prazeres da beatitude.

O segundo declarou que tinha sido precipitado no inferno, onde soffrera os supplicios mais espantosos.

— «Não ha duvida, disse o hospedeiro ao primeiro hospede, que o vosso sonho é formosissimo; e quanto ao vosso, acrescentou dirigindo-se ao segundo, não pôde ser mais terrivel; vejamos o terceiro.»

Este, tranquillo e sordidente, explicou que tinha sonhado que os seus dois compaheiros tinham morrido: um havia subido ao paraíso, o outro tinha descido ao inferno. Os dogmas da nossa santa religião ensinam que d'esses sitios, por bem ou mal que n'elles se esteja, não se volta nunca, e, com effeito, nunca ninguem viu voltar d'elles a nenhum dos que lá entraram.

Persuadido, pois, de que nenhum dos dois teria necessidade de tornar a almoçar, levantou-se, e suppondo que tinha de partir só, tinha comido o pãozinho e o quarto de galinha e esviado o copo de vinho.

O hospedeiro riu-se com vontade, e decidiu que por mais bello que tivesse sido o primeiro sonho e por mais horroroso que tivesse sido o segundo, o terceiro era mais logico; e por estes motivos condemnou os que tinham ficado em jejum a pagar toda a despeza;

Origem do baralho de cartas

Ha muita gente que está persuadida que as cartas foram inventadas para distráhir um certo rei de França; mas o que parece provado é que este jogo foi importado do Egypto para a Europa.

A significação symbolica e astronomica das cartas parece confirmar esta origem.

O baralho primitivo tinha duas côres, branco e preto, como ainda hoje tem os baralhos francezes e inglezes.

Estas duas côres correspondem ás dos equinocios.

O numero das cartas de um baralho é de 52, como as semanas do anno. São quatro os naipes, como as estações. E embora o desenho de cada naipe corresponda a cada uma d'ellas, o que chamamos ouros, são em verdade rosas architectonicas.

Correspondem á primavera as espadas, simile do verão, epocha de ceifa; as copas representam o outomno, em que se faz a vindima; e os paus symbolisam o inverno.

Por ultimo as cartas de cada naipe são 12, como os mezes do anno, e antigamente tinham pintados os signos do zodiaco.